

Une ruse, de Guy de Maupassant

Tradução e Notas de Ana Cristina Tavares
Professora na Universidade Lusófona

GUY DE MAUPASSANT (1850-1893)

Escritor realista, descreveu a sociedade da sua época de modo pitoresco e, por vezes, cruel. Este contista pessimista, soube mostrar-nos os desejos, obsessões e pesadelos da alma humana. Para ganhar a vida trabalhou inicialmente como funcionário no Ministério da Marinha e depois no da Educação. Graças a Flaubert, amigo de infância de sua mãe, relacionou-se com os principais escritores da sua época, tanto franceses como estrangeiros. Acabou por deixar o seu trabalho monótono e viver apenas como jornalista e escritor. Assim, publicou mais de trezentos contos, reunidos numa quinzena de volumes; seis romances, dos quais recordamos *Une vie* (1883) ou *Bel Ami* (1886) ; cerca de duzentas crónicas; várias novelas e algumas peças de teatro. O seu sucesso e riqueza abriram-lhe as portas da alta sociedade. Desse modo, deixaram de ser os camponeses, os pequenos funcionários ou as belas jovens que encontrava à beira do Sena a sua fonte de inspiração, interessando-se preferencialmente pelos meandros sentimentais das classes elevadas. Sofreu atrozmente por causa da sífilis, com terríveis alucinações e crises nervosas. Como ele próprio afirmou antes de morrer : “*Je suis entré dans la vie comme un météore et j’en sortirai par un coup de foudre*”. Após uma tentativa de suicídio acabou por morrer numa clínica para doentes mentais. Em Portugal, além de alguns romances traduziram-se sobretudo os seus contos fantásticos, nos anos 50 e 60. O breve conto que apresentamos de seguida foi publicado em 1882 sob o pseudónimo de Maufrigneuse e mostra-nos o humor fino do seu autor.

UNE RUSE

Ils bavardaient au coin du feu, le vieux médecin et la jeune malade. Elle n'était qu'un peu souffrante de ces malaises féminins qu'ont souvent les jolies femmes : un peu d'anémie, des nerfs, et un peu de fatigue, de cette fatigue qu'éprouvent parfois les nouveaux époux à la fin du premier mois d'union, quand ils ont fait un mariage d'amour.

Elle était étendue sur sa chaise longue et causait. "Non, docteur, je ne comprendrai jamais qu'une femme trompe son mari. J'admets même qu'elle ne l'aime pas, qu'elle ne tienne aucun compte de ses promesses, de ses serments ! Mais comment oser se donner à un autre homme ? Comment cacher cela aux yeux de tous ? Comment pouvoir aimer dans le mensonge et dans la trahison ?"

Le médecin souriait.

"Quand à cela, c'est facile. Je vous assure qu'on ne réfléchit guère à toutes ces subtilités quand l'envie vous prend de faillir. Je suis même certain qu'une femme n'est mûre pour l'amour vrai qu'après avoir passé par toutes les promiscuités et tous les dégoûts du mariage, qui n'est, suivant un homme illustre, qu'un échange de mauvaises humeurs pendant le jour et de mauvaises odeurs pendant la nuit. Rien de plus vrai. Une femme ne peut aimer passionnément qu'après avoir été mariée. Si je la pouvais comparer à une maison, je dirais qu'elle n'est habitable que lorsqu'un mari a essuyé les plâtres.

"Quand à la dissimulation, toutes les femmes en ont à revendre en ces occasions-là. Les plus simples sont merveilleuses et se tirent avec génie des cas les plus difficiles."

Mais la jeune femme semblait incrédule...

"Non, docteur, on ne s'avise jamais qu'après coup de ce qu'on aurait dû faire dans les occasions périlleuses ; et les femmes sont certes encore plus disposées que les hommes à perdre la tête."

Le médecin leva les bras.

"Après coup, dites-vous ! Nous autres, nous n'avons l'inspiration qu'après coup. Mais vous ! ... Tenez, je vais vous raconter une petite histoire arrivée à une de mes clientes à qui j'aurais donné le bon Dieu sans confession, comme on dit.

"Ceci s'est passé dans une ville de province.

A Astúcia

O velho médico e a jovem doente conversavam junto à lareira. Ela estava apenas um pouco incomodada, com essas indisposições femininas que as mulheres bonitas têm, às vezes: um pouco de anemia, de nervos, um bocadinho de cansaço, desse cansaço de que costumam sofrer os recém-casados ao fim do primeiro mês de união, quando se casam por amor.

A jovem, estendida no sofá, conversava: “Não, doutor, nunca poderei compreender que uma mulher engane o marido. Admito até que não goste dele, que não cumpra as suas promessas, os seus juramentos! Mas como ousar dar-se a outro homem? Como esconder isso aos olhos de todos? Como amar com mentira e traição?”

O médico sorria.

“É fácil. Garanto-lhe que pouco nos detemos em todas essas subtilezas quando nos invade o desejo de pecar. Tenho mesmo a convicção de que uma mulher não está madura para o verdadeiro amor senão depois de ter passado por todas as promiscuidades e por todos os desgostos do casamento, o qual não é, segundo um homem ilustre, senão uma troca de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite. Nada de mais verdadeiro. Uma mulher só pode amar apaixonadamente depois de ter sido casada. Se eu a puder comparar com uma casa, diria que ela não é habitável senão quando um marido já a estreou.

“Quanto à dissimulação, todas as mulheres a têm para dar e vender nessas ocasiões. As mais simples são maravilhosas e livram-se com talento das situações mais difíceis.”

Mas a jovem senhora mostrava-se incrédula. . .

“Não, doutor, só se sabe, passado o momento, o que se devia ter feito nas ocasiões perigosas, e as mulheres, é certo, perdem mais facilmente a cabeça do que os homens.”

O médico levantou os braços.

“Passado o momento, diz? A nós, os homens, a inspiração chega sempre tardia. Mas, a vocês!... A propósito, vou contar-lhe uma pequena história ocorrida a uma das minhas clientes, a quem eu daria absolvição sem confissão, como se costuma dizer.

“O caso deu-se numa cidade de província.

“Un soir, comme je dormais profondément de ce pesant premier sommeil si difficile à troubler, il me sembla, dans un rêve obscur, que les cloches de la ville sonnaient au feu.

“Tout à coup je m’éveillai : c’était ma sonnette, celle de la rue, qui tintait désespérément. Comme mon domestique ne semblait point répondre, j’agitai à mon tour le cordon pendu dans mon lit, et bientôt des portes battirent, des pas troublèrent le silence de la maison dormante ; puis Jean parut, tenant une lettre qui disait : “Mme Lelièvre prie avec instance M. le docteur Siméon de passer chez elle immédiatement.”

”Je réfléchis quelques secondes ; je pensais : Crise de nerfs, vapeurs, tralala, je suis trop fatigué. Et je répondis : “Le docteur Siméon, fort souffrant, prie Mme Lelièvre de vouloir bien appeler son confrère M. Bonnet.”

”Puis, je donnai le billet sous enveloppe et je me rendormis. “Une demi-heure plus tard environ, la sonnette de la rue appela de nouveau, et Jean vint me dire : “C’est quelqu’un, un homme ou une femme (je ne sais pas au juste, tant il est caché) qui voudrait parler bien vite à monsieur. Il dit qu’il y va de la vie de deux personnes.”

“Je me dressai. “Faites entrer.”

“J’attendis, assis dans mon lit.

“Une espèce de fantôme noir apparut et, dès que Jean fut sorti, se découvrit. C’était Mme Berthe Lelièvre, une toute jeune femme, mariée depuis trois ans avec un gros commerçant de la ville qui passait pour avoir épousé la plus jolie personne de la province.

“Elle était horriblement pâle, avec ces crispations de visage des gens affolés ; et ses mains tremblaient ; deux fois elle essaya de parler sans qu’un son pût sortir de sa bouche. Enfin, elle balbutia : “Vite, vite... vite... Docteur... Venez. Mon ... mon amant est mort dans ma chambre...”

“Elle s’arrêta suffoquant, puis reprit : “Mon mari va... va rentrer du cercle...”

“Je sautai sur mes pieds, sans même songer que j’étais en chemise, et je m’habillai en quelques secondes. Puis je demandai : “C’est vous-même qui êtes venue tout à l’heure ?” Elle, debout comme une statue, pétrifiée par l’angoisse, murmura : “Non c’est ma bonne... elle sait...” Puis, après un silence. “Moi, j’étais restée... près de lui.” Et une sorte de cri de douleur horrible sortit de ses lèvres, et, après un étouffement qui la fit râler, elle pleura, elle pleura éperdument avec des sanglots et des spasmes pendant

“Certa noite, em que eu dormia profundamente, nesse primeiro sono, pesado e tão difícil de perturbar, pareceu-me num sonho confuso que os sinos da cidade tocavam a incêndio.

“Acordei de súbito: era a minha campainha da rua que tocava desesperadamente. Como o meu criado parecia não responder, agitei, por meu turno, o cordão que pendia na minha cama; e logo bateram as portas, e alguns passos quebraram o silêncio da casa adormecida. Depois, Jean apareceu, trazendo-me uma carta que dizia: “A Sr^a Lelièvre pede encarecidamente ao doutor Siméon o favor de passar imediatamente por sua casa.”

“Reflecti alguns segundos. Pensei: crise de nervos, vapores, tretas e estou muitíssimo cansado. E respondi: “O doutor Siméon, bastante indisposto neste momento, roga à Sr^a Lilièvre o favor de chamar o seu colega, o Dr. Bonnet.”

Entreguei então a mensagem num envelope e voltei a adormecer.

“Meia hora mais tarde, aproximadamente, a campainha da rua soou de novo e Jean veio dizer-me: “É uma pessoa, homem ou mulher (não sei, ao certo, de tal modo se oculta) que quer falar urgentemente com o senhor. Diz que disso depende a vida de duas pessoas.”

“Levantei-me. “Mande entrar”.

“Esperei sentado na cama.

“Apareceu uma espécie de fantasma negro, que se descobriu quando Jean partiu. Era Berthe Lelièvre, uma senhora muito nova ainda, casada havia três anos com um gordo comerciante da cidade que passava por ter desposado a mais linda moça da província.

“Estava horrivelmente pálida, com essas crispações de rosto das pessoas angustiadas, e as mãos trêmulas; tentou falar duas vezes sem que um único som lhe saísse da boca. Por último, balbuciou: “Depressa... depressa... Doutor... Venha. O meu... o meu... amante está morto no meu quarto...”

“Parou, arquejante, e depois prosseguiu: “O meu marido... voltará... em breve do clube.”

“Saltei da cama, sem mesmo pensar que estava em camisa, e vesti-me em poucos segundos. Depois perguntei: “Foi a senhora quem esteve aqui, há pouco?” Ela, de pé como uma estátua, petrificada pela angústia, murmurou: “Não, era a minha criada... ela sabe...” Depois, após um silêncio. “Eu fiquei ... ao pé dele.” E uma espécie de grito de dor horrível saiu-lhe dos lábios e, depois duma sufocação que a fez arquejar, chorou, chorou perdidamente entre soluços e espasmos durante um minuto ou dois; depois, repentinamente, as lágrimas pararam, estancaram,

une minute ou deux ; puis ses larmes, soudain, s'arrêtèrent, se tarirent, comme séchées en dedans o par du feu ; et redevenue tragiquement calme : "Allons vite !" dit-elle.

"J'étais prêt, mais je m'écriai : "Sacrebleu, je n'ai pas dit d'atteler mon coupé !" Elle répondit : "J'en ai un, j'ai le sien qui l'attendait. "Elle s'enveloppa jusqu'aux cheveux. Nous partîmes.

"Quand elle fut à mon côté dans l'obscurité de la voiture, elle me saisit brusquement la main, et la broyant dans ses doigts fins, elle balbutia avec des secousses dans la voix, des secousses venues du coeur déchiré : "Oh ! si vous saviez, si vous saviez comme je souffre ! Je l'aimais, je l'aimais éperdument, comme une insensée, depuis six mois".

"Je demandai : "Est-on réveillé, chez vous ?"

"Elle répondit : "Non, personne, excepté Rose, qui sait tout."

"On s'arrêta devant sa porte ; tous dormaient, en effet, dans la maison ; nous sommes entrés sans bruit avec un passe-partout, et nous voilà montant sur la pointe des pieds. La bonne, effarée, était assise par terre au haut de l'escalier, avec une bougie allumée, à son côté, n'ayant pas osé demeurer près du mort.

"Et je pénétrai dans la chambre. Elle était bouleversée comme après une lutte. Le lit fripé, meurtri, restait ouvert, semblait attendre- un drap traînait jusqu'au tapis ; des serviettes mouillées, dont on avait battu les tempes du jeune homme, gisaient à terre à côté d'une cuvette et d'un verre. Et une singulière odeur de vinaigre de cuisine mêlée à des souffles de Lubin écoeurait dès la porte.

"Tout de son long, sur le dos, au milieu de la chambre, le cadavre était étendu.

"Je m'approchai ; je le considérai, je le tâtai ; j'ouvris les yeux ; je palpai les mains, puis, me tournant vers les deux femmes qui grelotaient comme si elles eussent été gelées, je leur dis : "Aidez-moi à le porter sur le lit." Et on le coucha doucement. Alors, j'auscultai le coeur et je posai une glace devant la bouche ; puis je murmurai : "C'est fini, habillons-le bien vite." Ce fut une chose affreuse à voir !

"Je prenais un à un les membres comme ceux d'une énorme poupée, et je les tendais aux vêtements qu'apportaient les femmes. On passa les chaussettes, le caleçon, la culotte, le gilet, puis l'habit où nous eûmes beaucoup de mal à faire entrer les bras.

"Quand il fallut boutonner les bottines, les deux femmes se mirent à genoux, tandis que je les éclairais ; mais comme les pieds étaient enflés un peu, ce fut

como secas, dentro, pelo fogo, e tornou-se tragicamente calma: “Vamos depressa!”, disse.

“Estava pronto, mas resmunguei: “Com os diabos! Não tive tempo para mandar atrelar o *coupé*.” “Tenho lá em baixo um, - respondeu – o dele, que o esperava”; cobriu-se até aos cabelos. Partimos.

“Sentada a meu lado, na escuridão da viatura, agarrou-me bruscamente a mão e, triturando-a entre os seus dedos finos, balbuciou com abalos na voz, abalos saídos do coração dilacerado: “Oh! Se o senhor soubesse como sofro! Amava-o, amava-o perdidamente, como uma insensata, havia seis meses.”

“Perguntei-lhe: “Estão acordados, lá em casa?” Respondeu: “Não, ninguém, excepto Rose, que sabe de tudo.”

Parámos diante da sua porta; com efeito, todos dormiam; com uma chave mestra entrámos sem fazer barulho e subimos na ponta dos pés. A empregada, assustada, estava sentada no topo da escadaria, com uma vela acesa ao seu lado, sem coragem para ficar a velar o morto.

Entreí no quarto. Tudo estava revolvido como depois duma briga. O leito amarrotado, amachucado, desfeito, estava aberto, parecia esperar; um lençol arrastava-se até ao tapete; toalhas molhadas, com as quais tinham friccionado as fontes do rapaz, viam-se por terra, ao lado duma bacia e dum copo. E um singular cheiro a vinagre de cozinha, misturado com aromas de Lubin saía da porta, agoniando-nos.

O cadáver, estendido de costas, jazia no meio do quarto.

Aproximei-me; observei-o, toquei-o, abri-lhe os olhos, apalpei-lhe as mãos; depois, voltando-me para as duas mulheres, que tiritavam como se estivessem geladas, disse-lhes: “Ajudem-me a deitá-lo na cama.” E deitámo-lo com todo o cuidado. Auscultei-lhe, então, o coração e coloquei-lhe um espelho junto à boca. Depois, disse: “Nada a fazer; vistamo-lo depressa.” E foi algo horrível de se ver.

Peguei-lhe nos membros um a um como se fossem dum enorme boneco, enfiei-os na roupa que as mulheres me iam dando. Calçámos-lhe as meias, vestimos-lhe as cuecas, os calções, o colete, depois o casaco, no qual nos custou muito enfiar os braços nas mangas.

“Para apertar as botinas, as duas mulheres puseram-se de joelhos, enquanto eu alumiaava; mas como os pés tinham inchado um pouco, foi terrivelmente difícil. Não tendo encontrado a abotoadeira, as duas mulheres pegaram nos seus ganchos do cabelo.

effroyablement difficile. N'ayant pas trouvé le tire-boutons, elles avaient pris leurs épingles à cheveux.

“Sitôt que l’horrible toilette fut terminée, je considérai notre oeuvre et je dis : “Il faudrait le repeigner un peu.” La bonne alla chercher le démêloir et la brosse de sa maîtresse, mais comme elle tremblait et arrachait, en des mouvements involontaires, les cheveux longs et mêlés, Mme Lelièvre s’empara violemment du peigne, et elle rajusta la chevelure avec douceur, comme si elle l’eût caressée. Elle refit la raie, brossa la barbe, puis roula lentement les moustaches sur son doigt, ainsi qu’elle avait coutume de le faire, sans doute, en des familiarités d’amour.

“Et tout à coup, lâchant ce qu’elle tenait aux mains, elle saisit la tête inerte de son amant, et regarda longuement, désespérément cette face morte qui ne lui souriait plus ; puis, s’abattant sur lui, elle l’étreignit à pleins bras, en l’embrassant avec fureur. Ses baisers tombaient, comme des coups, sur la bouche fermée, sur les yeux éteints, sur les tempes, sur le front. Puis, s’approchant de l’oreille, comme s’il eût pu l’entendre encore, comme pour balbutier le mot qui fait plus ardentes les étreintes, elle répéta, dix fois de suite, d’une voix déchirante : “Adieu, chéri.”

“Mais la pendule sonna minuit.

“J’eus un sursaut : “Bigre, minuit ! c’est l’heure où ferme le cercle. Allons, madame, de l’énergie !”

“Elle se redressa. J’ordonnai : “Portons-le dans le salon.” Nous le prîmes tous trois, et, l’ayant emporté, je le fis asseoir sur un canapé, puis j’allumai les candélabres.

“La porte de la rue s’ouvrit et se referma lourdement. C’était Lui déjà. Je criai : “Rose, vite, apportez-moi les serviettes et la cuvette, et refaites la chambre ; dépêchez-vous, nom de Dieu ! Voilà M. Lelièvre qui rentre.”

“J’entendis les pas monter, s’approcher. Des mains, dans l’ombre, palpaient les murs. Alors j’appelai : “Par ici, mon cher : nous avons eu un accident.”

“Et le mari, stupéfait, parut sur le seuil, un cigare à la bouche. Il demanda : “Quoi ? Qu’y a-t-il ? Qu’est-ce que cela ?”

“J’allai vers lui : “Mon bon, vous nous voyez dans un rude embarras. J’étais resté tard à bavarder chez vous avec votre femme et notre ami qui m’avait amené dans sa voiture. Voilà qu’il s’est affaissé tout à coup, et depuis deux heures, malgré nos soins, il demeure sans connaissance. Je n’ai pas voulu appeler des étrangers. Aidez-moi donc à le faire descendre, je le soignerai mieux chez lui.”

Terminada a horrível *toilette*, examinei a nossa obra e disse: “É preciso penteá-lo um pouco.” A criada foi buscar o pente e a escova da patroa; mas como tremia e arrancava, em movimentos involuntários, os cabelos longos e emaranhados, a Sr^a Lelièvre apossou-se violentamente do pente, e arranhou-lhe a cabeleira com doçura, como se o acariciasse. Fez-lhe a risca, passou-lhe a escova pela barba, retorceu-lhe suavemente os bigodes com os dedos, como costumava fazer, decerto, na intimidade do amor.

E, de repente, soltando o que tinha nas mãos, agarrou na cabeça inerte do amante, e olhou longamente, desesperadamente, para essa face morta, que não lhe sorria mais; depois, deixando-se cair sobre ele, estreitou-o nos braços, beijando-o com furor. Os seus beijos caíam, como golpes, na boca fechada, nos olhos apagados, nas fontes, na fronte. Depois, chegando-se ao ouvido dele, como se ele pudesse ainda escutá-la, como para pronunciar a palavra que torna os abraços mais ardentes, repetiu, dez vezes seguidas, numa voz dilacerante: “Adeus, meu querido.”

Mas no relógio soava a meia-noite.

Tive um sobressalto. “Oh, diabo, meia-noite, é a hora a que fecha o clube. Vamos, minha senhora, coragem!

Ela levantou-se. Ordenei: “Levemo-lo para o salão.” Pegamos os três nele e, levantando-o, sentei-o num sofá, acendendo depois os candelabros.

“A porta da rua abriu-se e fechou-se pesadamente. Era o marido que entrava. Gritei: “Rose, depressa, traga-me as toalhas e a bacia; arrume o quarto. Mas despache-se, meu Deus! É o Sr. Lelièvre que chega.”

Ouvia os passos que subiam, que se aproximavam. Mãos, na sombra, tacteavam as paredes, então chamei: “Por aqui, meu caro: houve um acidente.”

E o marido, estupefacto, parou à entrada da porta, de charuto na boca. Perguntou: “O que é? Que se passa? O que é isso?”

Fui-lhe ao encontro. “Meu bom amigo, estamos aqui num grande embarço. Demorei-me até tarde em sua casa cavaqueando com a sua esposa e este amigo, que me trouxe no seu carro. Mas, a certa altura, ele desmaiou, inesperadamente, e há duas horas que, apesar de todos os nossos esforços, ainda não conseguimos fazê-lo voltar a si. Não quis chamar gente estranha. Ajude-me, pois, a descê-lo; tratarei melhor dele em casa.”

O esposo, surpreendido, mas sem desconfiar, tirou o chapéu; depois agarrou pelos braços no seu rival, agora inofensivo. Eu atrelei-me entre as pernas

”L’époux surpris, mais sans méfiance, ôta son chapeau ; puis il empoigna sous ses bras son rival désormais inoffensif. Je m’attelai entre les jambes, comme un cheval entre deux brancards ; et nous voilà descendant l’escalier, éclairés maintenant par la femme.

“Lorsque nous fûmes devant la porte, je redressai le cadavre et je lui parlai, l’encourageant pour tromper son cocher. - “Allons, mon brave ami, ce ne sera rien ; vous vous sentez déjà mieux, n’est-ce pas ? Du courage, voyons, un peu de courage, faites un petit effort, et c’est fini.”

”Comme je sentais qu’il allait s’écrouler, qu’il me glissait entre les mains, je lui flanquai un grand coup d’épaule qui le jeta en avant et le fit basculer dans la voiture, puis je montai derrière lui.

”Le mari, inquiet, me demandait : “Croyez-vous que ce soit grave ?” Je répondis. . “Non”, en souriant, et je regardai la femme. Elle avait passé son bras sous celui de l’époux légitime et elle plongeait son oeil dans le fond obscur du coupé.

“Je serrai les mains, et je donnai l’ordre de partir. Tout le long de la route, le mort me retomba sur l’oreille droite.

“Quand nous fûmes arrivés chez lui, j’annonçai qu’il avait perdu connaissance en chemin. J’aidai à le remonter dans sa chambre, puis je constatai le décès ; je jouai toute une nouvelle comédie devant sa famille éperdue. Enfin je regagnai mon lit, non sans jurer contre les amoureux.”

Le docteur se tut, souriant toujours.

La jeune femme, crispée, demanda :

“Pourquoi m’avez-vous raconté cette épouvantable histoire ?”

Il salua galamment :

“Pour vous offrir mes services à l’occasion.”

do morto como um cavalo entre dois varais e eis-nos descendo a escada, que a mulher agora alumiava.

Quando chegámos à porta, endireitei o cadáver e falei-lhe, dando-lhe coragem, para enganar o cocheiro: “Vamos, meu bravo amigo, isso não é nada; já se está sentir melhor, não é verdade? Coragem, vamos, um pouco de coragem, faça um pouco de esforço e tudo passará.”

Senti que caía, que me deslizava entre as mãos; dei-lhe um empurrão com o ombro que o lançou para diante e o fez entrar no carro. Subi depois, atrás dele.

O marido, inquieto, perguntava-me: “Será coisa grave?” Respondi-lhe: “Não”, sorrindo e olhando para a esposa. Esta havia dado o braço ao esposo legítimo e mergulhava o olhar no fundo escuro do *coupé*.

“Despedi-me e dei ordem para partirmos. Durante todo o trajecto o morto caía sobre a minha orelha direita.

Quando chegámos a sua casa, anunciei que tinha perdido os sentidos no caminho. Ajudei a subi-lo até ao quarto, depois constatei o óbito; representava uma nova comédia perante aquela família inconsolável. Enfim, voltei para a cama, não sem blasfemar contra os apaixonados.”

O doutor calou-se, sorrindo sempre.

A jovem esposa, crispada, perguntou:

“Por que me contou o senhor essa terrível história?”

Fazendo-lhe uma reverência galante:

“Para lhe oferecer os meus serviços, se a ocasião se apresentar.”